

*Uma Viagem à Índia, Gonçalo M. Tavares****Canto VII**

16

E Bloom com o seu sapato minúsculo
pisou pela primeira vez a Índia. Que grande
é um país onde se chega para
mudar de vida. E como é raro, isso, no mapa.
Porque há países onde as paixões se desenvolvem mais
(produtos mais adequados ao tipo de solo e humidade existentes),
outros onde se chega para enriquecer.
Em raros países se entra para aperfeiçoar
a alma.

17

A Índia é um país grande. Não pela
extensão mas porque é antigo. O tempo, num
país inteligente, é a extensão mais significativa.
Milhares de metros quadrados ocupam, em teoria,
uma superfície importante.
Também o número de andares dos edifícios
é facto bem visível das janelas dos aviões.
Porém, é a História de um país
que dá a intensidade da ligação da árvore à terra.
E cada país é uma árvore.

18

E há ainda a crença, que é material que sobe,
e subindo, parece, chegará a pontos bem mais altos
que os aviões – que também sobem mas são mais pesados.
Há, na Índia, a crença. E a crença
no espírito eleva um país inteiro,
enquanto o vulgar avião de passageiros não; longe disso.
(Os objectos sem filosofia podem ser úteis
– o avião, por exemplo, é utilíssimo,
mas falta-lhe algo: mesmo encostado ao
céu é coisa mesquinha, elemento que tenta
apenas não cair.)

19

Na Índia os homens gritam muito.
Existe no ar uma densidade humana
abundante: o ar parece menos aéreo,
há muitos encontrões nas ruas para os raros encontros
e a pobreza material é evidente e contrasta
com a riqueza das histórias que velhos
sentados em esquinas recentes contam
às mulheres sensatas e aos turistas.
Numa única rua, um continente aperta-se
para que cada um possa vender o que tem.

P

20

Nas ruas, a tecnologia está menos desenvolvida
que a magia, mas vende-se tudo:
o comércio é uma experiência preliminar
para qualquer outra vida; para o mesmo produto
os burgueses fazem preços mais baixos
que os místicos, só que eles dizem oferecer
parte do lucro aos mais pobres (que não chegaram a ser avisados).
Os homens religiosos só se diferenciam dos comerciantes
quando ocorre um incêndio
– os religiosos são os únicos que se aproximam.

21

Na Índia, homens velhos que escutámos
durante horas e julgávamos já eternos,
levantam-se, subitamente, e começam a
urinar em plena rua, para cima do lixo
que cães, segundos antes, tentavam mastigar.
Respeito e nojo coincidem estranhamente
no mesmo homem: o mundo não
é claro e depois escuro, o mundo, cada pedaço dele,
é claro e escuro.
E quando um místico urina com displicência ao nosso lado
ensina-nos isso, e outras coisas.

22

Bloom não conta pelos dedos, mas sabe fazer cálculos.
O rácio deuses/humanos é altíssimo
– e também, por exemplo, o de doenças –,
o que talvez não seja coincidência.
Doentes sem pão nem sítio para se deitarem
inventam deuses opulentos que habitam palácios
enormes. Tudo é grande na Índia: a população,
os deuses, os efeitos de magia, as cidades –
mas tudo isto é mais pequeno do que a paciência
dos pobres.

23

O turista que prometa um jantar a um mendigo
e se esqueça, se regressar vinte anos depois,
encontrará no mesmo sítio o mesmo mendigo
à espera do jantar. E tudo seria trágico,
inútil e material, se esse mendigo, estranhamente,
não permanecesse com a mesma cara e a mesma idade
de há vinte anos.
Foi nesse país, que equilibra cegos e videntes,
óculos, bengalas e frases surpreendentes,
foi nesse país que Bloom, finalmente, entrou.

(...)

33

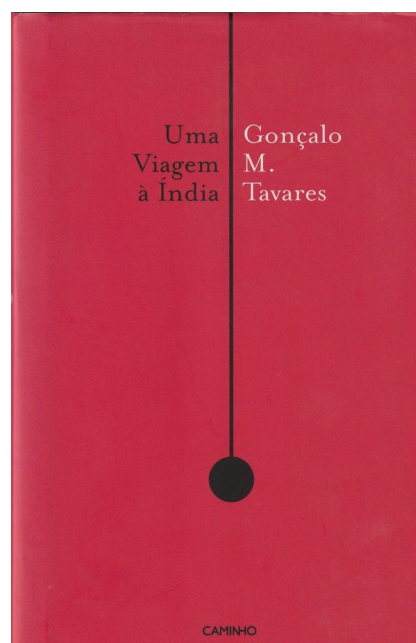
Porque à Índia não se chega, meu caro,
na Índia caminha-se. Encontrarás hospedagens
desconfortáveis que te obrigarão a levantar
mais cedo. Os caminhos aumentam
quando a cama é má – disse Anish.
– Deverás saber isso porque vens de uma grande viagem. E a Índia
é isto: um país que se move porque tu, nele,
te moves. Até porque se ficares parado o tecto
cairá sobre ti.
A densidade dos Deuses sobre cada telhado
é brutal. E só ao ar livre os deuses
são leves.

34

Mas na Índia – continuou Anish – os animais solitários
têm por vezes movimentos mais sagrados que uma multidão
enorme. Os jornais são pacíficos, e as notícias,
pese embora a enorme extensão do país,
são sobre pormenores insignificantes.
Quanto às tragédias: três mil anos demoram
os seus vestígios a serem varridos, porque três mil anos
ficam as pessoas a chorar. O Ganges é a biografia,
em líquido, de todas as cidades próximas,
e o facto de a tristeza ser popular entre ricos e pobres
serve de justificação para este fenómeno natural
mas algo melancólico.

35

O rio Ganges é a mais importante biblioteca
da cidade e o mais importante arquivo.
Não há verdade fora do rio, nem há mentira de qualidade,
ficção ou mitologia, exterior às suas águas sujas. Mas as
águas não são sujas, realmente tal expressão
é um erro – corrige Anish. São águas complexas,
o que é diferente.
Aqui a água não é um elemento de visita ao mundo dos homens,
são os homens que estão de visita
à água – e na Índia toda a gente o sabe.



* Tavares, Gonçalo M. (2010). *Uma Viagem à Índia. Melancolia contemporânea (um itinerário)* (p. 294-303). Caminho. [Seleção de João Pedro Aido]

Qual é a sua definição de uma revista em linha?

em linha, *loc. adv.* INF **1** ligado direta ou remotamente a um computador e pronto para uso (diz-se de sistema, equipamento ou dispositivo) **2** disponível para acesso imediato por um computador (diz-se de dado ou arquivo) <*dados em l.*> <*arquivo em l.*> **3** entre ou em ligação com (sistemas de processamento e/ou transmissão de dados) <*manteve-se em l. até receber a resposta*>

Leia também os quatro números publicados da revista **Palavras - revista em linha** – por causa das notícias, dos relatos, das descrições, dos artigos originais e especializados, da crítica, da análise de problemas de pedagogia e didática, de estudos linguísticos e de estudos literários, por causa das referências, nestas páginas, a outras páginas, reais e virtuais, que, mais tarde ou mais cedo, lhe vão fazer falta – **em acesso digital e permanente, 24 horas por dia, 365 dias por ano, a**

